



# Racismo Religioso:

## NEGROS SÃO AS PRINCIPAIS VÍTIMAS DE INTOLERÂNCIA NO BRASIL

EM RELAÇÃO AOS BRANCOS, NEGROS REALIZARAM 45,7% MAIS DENÚNCIAS ENTRE O 2º SEMESTRE DE 2020 A 2021 DE ACORDO COM OS DADOS DO MMFDH

Após 133 anos do fim da escravidão, o Brasil apresenta um cenário em que pessoas negras são as principais vítimas de crimes contra a liberdade religiosa. Apesar do artigo 20 da Lei n. 7.716/89, em que é definida a intolerância religiosa como crime no Brasil, os desdobramentos das denúncias não parecem surtir efeito e a situação aponta uma negligência estatal na garantia desse direito.

**O racismo no Brasil perpassa por todas as instâncias da sociedade, inclusive no âmbito religioso.**

Assim que chegaram os primeiros povos africanos trazidos pela escravidão, observou-se uma estrutura de poder no país que tinha como objetivo a opressão do povo negro e tudo o que é relacionado a ele.

Na literatura, o termo colonialismo cultural é usado para traduzir ações que promovem o apagamento ou alteração de uma cultura local ou um povo tradicional. O fenômeno acontece a partir do momento em que um grupo dominante passa a deter meios de poder e, conseqüentemente, de manipulação..

## A expressão "colonialismo cultural" define sem falhas a batalha que os povos africanos enfrentam desde a chegada ao Brasil.

Para compreender o motivo que possibilitou que o colonialismo cultural ocorresse na religião, é preciso recordar que o Estado de Portugal se enquadrava como um dos principais propagadores da doutrina católica. Além disso, o império se cabia de perseguir aqueles que apresentassem uma ameaça para a hegemonia do catolicismo.

Consequentemente, a proibição dos cultos vindos do continente africano fez com que se originassem as religiões de matriz africana que conhecemos hoje.

## O sincretismo

Para que Ogum não fosse esquecido, cantavam a São Jorge, cavaleiro conhecido como um mártir cristão. Para que Oya fosse cultuada, os negros adoravam a Santa Barbara, e assim ocorreu com os demais orixás que foram associados a santos católicos.

O sincretismo foi a forma que os africanos encontraram para resistir à opressão e cultuarem seus deuses sem que fossem punidos. Na umbanda e no candomblé, as principais religiões de matriz africana, ainda é utilizado o sincretismo como forma de manutenção dos ensinamentos deixados pelos antepassados



## Terreiro das Salinas

1 de janeiro de 2022 - O primeiro dia do ano foi marcado por um incêndio em São José da Coroa Grande, no Litoral Sul de Pernambuco. Logo na manhã daquela segunda-feira, os frequentadores do Terreiro das Salinas observaram um ataque ao templo em que praticavam o culto religioso.

Pelas redes sociais, o grupo compartilhou vídeos em que mostram o local completamente depredado pelo fogo. O terreiro é utilizado para o culto do candomblé, de tradição Jeje-nagô, dado pelo babalorixá Lívio Martins. Além disso, o grupo religioso promovia ações sociais na comunidade, como por exemplo, distribuição de alimentos.

Três meses após o incêndio, os frequentadores do terreiro lutam para a reestruturação do local através de financiamento coletivo e voluntariado. As investigações realizadas pela polícia seguem sem conclusões.

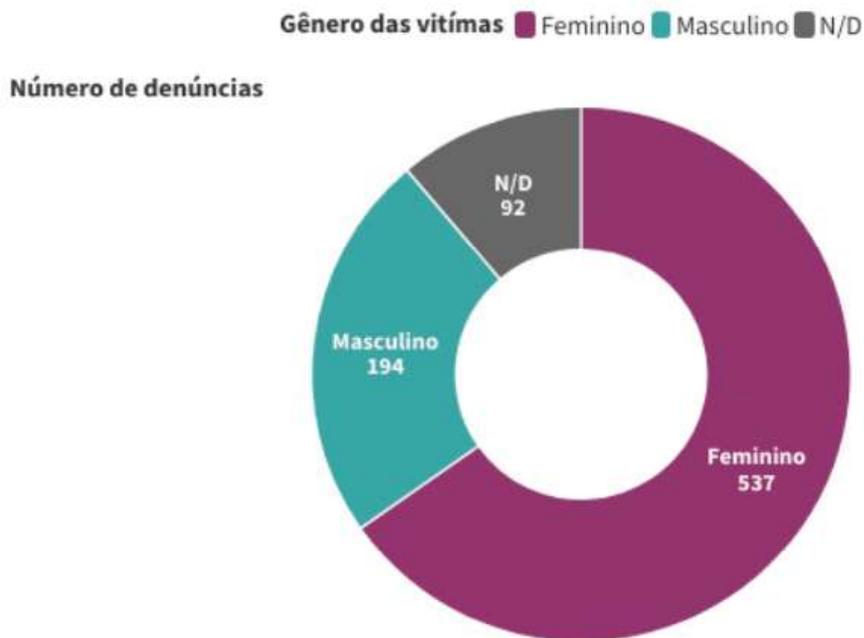
## As denúncias

Segundo os dados divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, do 2 semestre de 2020 ao final de 2021 foram registradas 823 denúncias contra crimes de intolerância religiosa.

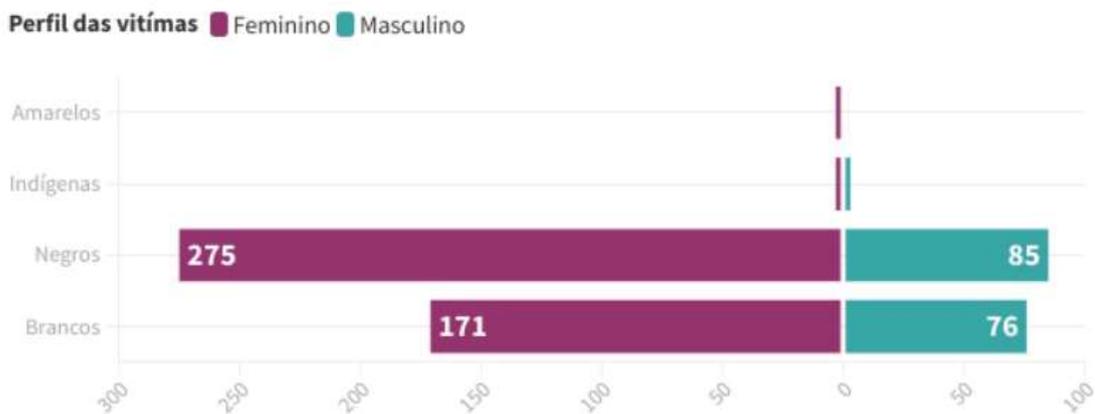
No entanto, o perfil das vítimas chama a atenção. De acordo com o levantamento, os principais alvos são pessoas negras, do sexo feminino e de baixa renda.

Neste período, aproximadamente 43,9% das vítimas eram negras, 30% eram brancas e 24,9% não tiveram a raça declarada. A diferença entre gênero também é expressiva.

Pessoas que se declararam do gênero feminino se enquadram como 65,2% das vítimas registradas. Do outro lado, estão os pertencentes ao gênero masculino contabilizando 23,5% das vítimas.



Source: Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos • 2º Semestre de 2020 até 2021



Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos • 2º Semestre de 2020 até 2021



## 27 de janeiro – Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa

Em 1999, Mãe Gilda de Oxum já ilustrava o perfil alvo da intolerância. A candomblecista faleceu em decorrência de um ataque religioso promovido pela Igreja Universal do Reino de Deus. Na época, o terreiro de candomblé que a Iyalorixá dirigia, Ilê Axé Abassá de Ogum, localizado perto da Lagoa do Abaeté, em Salvador, Bahia, foi invadido por fundamentalistas religiosos. Na ocasião, o marido da candomblecista foi agredido violentamente.

Meses depois, em 21 de janeiro de 2000, um folheto da mesma instituição que havia promovido os ataques anteriores, publicou uma nota difamatória contra Mãe Gilda.

A publicação ilustrava uma foto da dirigente com os dizeres: "Macumbeiros charlatões lesam a vida e o bolso de clientes". Ao ver a propagação do jornal, a idosa de 65 anos sofreu um ataque cardíaco que resultou em seu falecimento.

Em 2007, o então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva decretou o dia da morte da Iyalorixá como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa.

### Negligência estatal

Apesar do amparo legal contra o fim da intolerância, a falta de representatividade na câmara dos deputados sinaliza para a situação atual de racismo religioso. Utilizando-se da lógica, percebemos o motivo da discussão sobre intolerância religiosa não pautar as preocupações dos políticos brasileiros.

Segundo uma pesquisa realizada pelo site G1, os parlamentares eleitos em 2018, configuram uma maioria de religião católica e uma crescente representação de deputados de religião evangélica.

Dos 513 deputados eleitos, 273 (53%) se declararam católicos. Em segundo lugar, estão os evangélicos contabilizando 75 deputados (14%); em terceiro os cristãos com 23 (4%); em quarto os espíritas com 7 deputados (1%).

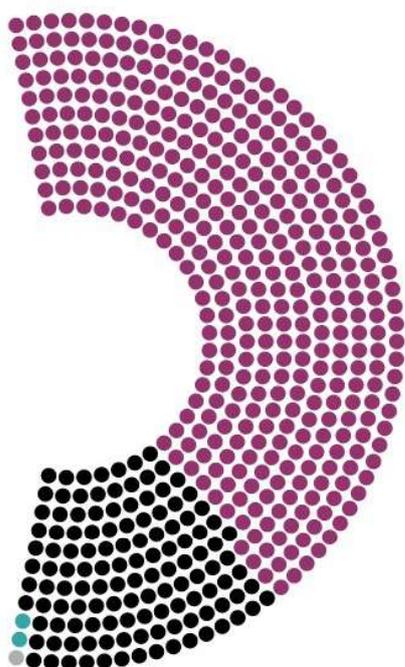
Neste contexto, observa-se uma onda crescente de representantes eleitos de religião evangélica, já que esses eram 43 em 2010 e 68 em 2014.

Para além da religião, nota-se uma diferença expressiva entre o número de cadeiras ocupadas por deputados negros e brancos.

De acordo com o levantamento do governo, dos 513 deputados eleitos, 385 se declaram brancos, cerca de 75% do total. Na contramão, ocupando o menor espaço estão os deputados negros que contabilizam em 125, aproximadamente 24% do total.

Dado os números divulgados, faz entender o motivo da falta de políticas públicas direcionadas para a garantia da liberdade religiosa principalmente para a população negra.

O racismo e a intolerância religiosa caminham juntos numa direção de opressão contra uma parcela da sociedade, parcela essa que compõe a maioria da população, 56,2% se declaram negros segundo o IBGE.



Deputados Federais eleitos em 2018

● Brancos

: 385

● Negros

: 125

● Amarelos

: 2

● Indígenas

: 1





# Adoção do termo 'racismo religioso'

O terreiro de candomblé das Salinas, atacado por incêndio no começo deste ano, luta, assim como outros ativistas, pela adoção do termo racismo religioso.

"Quando falamos de racismo religioso, estamos falando de um conjunto de práticas que tem como objetivo atacar, violentar e/ou inibir a liberdade de crença e o exercício da fé de um determinado grupo social. Nesse sentido, observa-se que as religiões de matriz africana, afro-brasileiras e afro-indígenas são sempre um alvo", aponta o grupo.

"Quantas vezes ouvimos falar de algo assim com as religiões cristãs no Brasil? Quantas igrejas católicas, ou evangélicas são surpreendidas com suas sedes queimadas e recebem ataques que demonizam suas práticas? Podemos dizer, desse modo, que o racismo religioso tem a ver com a estrutura da sociedade, e não com ações pontuais. Ao olharmos o que aconteceu com o Terreiro das Salinas, vemos que não é um caso isolado."

"É importante destacar que o racismo à brasileira sempre buscou estratégias para ocultar o seu racismo, como por exemplo, no mito da democracia racial. Ninguém quer se dizer racista. Isso também é visto na forma como lidamos com as situações: preferem dizer que é intolerância e não racismo religioso, que é preconceito e não racismo."

"Não podemos fechar os olhos para o que acontece com essas religiões. Não se combate um crime dizendo que ele não existe. É preciso nomear essas práticas e responsabilizar aqueles que as cometem", finaliza o comunicado.

Reportagem: Luanda Moraes  
Diagramação: Luanda Moraes

Projeto desenvolvido na graduação de  
jornalismo da Universidade Estadual  
Paulista Julio de Mesquita Filho - UNESP

Ano: 2022